

**UMA PERSPECTIVA JORNALÍSTICO-LITERÁRIA EM *OLGA*, DE
FERNANDO MORAIS**

Carina Kilian¹
Demétrio de Azerdo Soster²

RESUMO: Na narrativa jornalística insere-se a reportagem que permite certa profundidade na exposição do assunto, tendo-se a preocupação com a imersão do leitor no texto, o que, na contemporaneidade, tem tido muito destaque. Por apresentar essas características, a reportagem aproxima-se da literatura para buscar meios de sedução do leitor. Assim, ambos (reportagem e literatura) são âmbitos congruentes e promovem uma peculiar forma de narrativa, expressa em diferentes padrões como, por exemplo, o livro-reportagem. Assim, torna-se relevante estudar a intersecção dos elementos da narrativa jornalística, presentes no gênero reportagem, com os da literatura, a fim de se investigar como este modo de escrita desperta interesse tanto no produtor quanto no leitor do texto. Nesse sentido, escolheu-se o romance biográfico *Olga*, de Fernando Morais, para analisar os processos jornalísticos-literários como produtores de uma narrativa específica.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Jornalismo; Literatura; Sedução do leitor.

ABSTRACT: Into the journalistic narrative fits the story that allows certain depth exposure in the subject, having the concern with the reader's immersion in the text, which, nowadays, has been very prominent. By presenting these characteristics, the article approaches the literature to seek means of seduction of the reader. Thus, both (report and literature) are congruent areas and promote a peculiar form of narrative, expressed in different patterns such as the book-report. Therefore, it is relevant to study the intersection of the elements of narrative journalism, present in the reporting genre, with the literature ones, in order to investigate how this mode of writing arouses interest in both the producer and the reader of the text. In this sense, the biographical novel *Olga*, by Fernando Morais, has been picked up to analyze the journalistic-literary processes as producers of a specific narrative.

KEYWORDS: Narrative; Journalism; Literature; Seduction of the reader.

Introdução

Narrar é algo imanente do ser humano. Dentre as muitas possibilidades de fazê-lo estão o jornalismo e a literatura. O primeiro de caráter objetivo e imparcial, comprometido com os fatos reais. A segunda, carregada de subjetividade e ficção. Contudo, esses limites entre um e outro não são assim tão rigorosos, pois a literatura sempre esteve vinculada ao jornalismo desde os chamados folhetins, cujos textos literários tinham fins de entretenimento.

¹ Mestranda em Letras, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Bolsista FAPERGS. E-mail: carinakilian1@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências da Comunicação. Professor do Mestrado em Letras: Leitura e Cognição, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: dsoster@unisc.br

Importantes escritores brasileiros iniciaram ou deram seguimento à carreira literária publicando em folhetim, tais como: Machado de Assis, Manuel Antonio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Lima Barreto. Hoje, nesta mesma direção, a literariedade se faz presente no âmbito jornalístico com as crônicas e outros gêneros que misturam objetividade e subjetividade.

A partir da década de 1960 o intercâmbio jornalismo-literatura ganhou relevância com o advento do *New Journalism*, iniciado por Truman Capote e outros expoentes. Trata-se de uma proposta de escrita no meio jornalístico que mescla ficção e não ficção. Sua perspectiva põe em pauta a subjetividade e a intencionalidade do autor ao narrar, a fim de conquistar a adesão do leitor. Nesse sentido, o desejo de seduzir o leitor aparece nas marcas retóricas do texto expressos em livros-reportagens e romances biográficos.

De acordo com essa perspectiva, convém estudar a temática da interface nesses âmbitos do narrar no livro *Olga*, tendo-se por questão: como a narrativa possibilita o intercâmbio entre jornalismo e linguagem literária a partir das marcas retóricas de um texto? Numa tentativa de se responder ao trabalho que se propõe, tem-se por objetivo principal analisar os aspectos da narrativa que dimensionam a intersecção pragmática de elementos da reportagem com os da literatura. A escolha da obra se deu em função de a mesma narrar fatos reais da vida de Olga Benário misturados com elementos de ficção criados pelo narrador. Essa característica é encontrada no livro-reportagem constituído de uma narrativa longa, rica de detalhes em que muitos deles não são relatados nos documentos históricos, logo, são criados por quem os narra. Assim, tanto os fatos reais quanto os ficcionais são narrados estrategicamente por elementos textuais ou linguísticos que produzem uma narrativa peculiar cujo objetivo maior é seduzir o leitor. Nesse sentido, primeiramente, busca-se sublinhar como narrativa se constitui, compreendendo abordagens como história e discurso, bem como no que se refere aos seus elementos participantes (narrador - autor textual, entidade fictícia; narratário - destinatário intratextual que recebe competência narrativa do narrador; diegese - universo de tempo e espaço onde se desenvolve a história). Em segundo momento, busca-se conceituar o livro-reportagem e suas inter-relações com questões biográficas de cunho jornalístico. Em terceiro momento, busca-se estudar a presença da virtualidade do discurso literário no discurso jornalístico, a partir dos aspectos retóricos empregados pelo autor e, por

consequência, demonstrar, por fim, o modo pelo qual as tênues fronteiras do jornalismo e da literatura cativam a atenção do leitor.

A pesquisa justifica-se por contribuir com os estudos da narrativa, que pretensamente busca materializar eventos realizados ficticiamente ou não, ou ainda a mescla de ambos, a fim de refletir em que medida sua evidência responde às questões humanas relacionadas ao imaginário social. O trabalho, então, é de caráter bibliográfico, tendo por base as produções de Barthes (2008), Todorov (2008), Castro e Galeno (2002), Reis (1988), Sodré (2009), Vilas Boas (2002), entre outros.

1. Uma introdu o   narrativa

Ao se tratar de narrativa, precisa-se ter clareza de que o termo (bem como os elementos a ela vinculados) possui amplas defini es. Assim, convém adotar as especifica es que mais detalhadamente contribuem para a proposta de trabalho. Para tanto, um parâmetro básico, de cunho didático,   a separa o da narrativa de ordem literária e a de vertente linguística, ambas com objetivos e composi es próprias.

A narrativa com fins informativos   percebida no campo do jornalismo em que são elencados como elementos fundamentais: objetividade, imparcialidade e fidelidade aos fatos. Já na perspectiva literária, ela decorre do conceito de arte da palavra cujo estilo de linguagem   diferente daquele tomado como sentido literal. Nesta linha, ela abarca elementos da ficcionalidade, estando próxima ao conceito de arte como imita o da realidade nas defini es de Aristóteles, de fim est tico. Ressalta-se, outrossim, que os elementos de composi o tanto do texto jornalístico quanto do texto literário aqui citados são produzidos por meio de usos estratégicos da linguagem, os quais desencadeiam efeitos de sentido para a objetividade ou para a subjetividade.

Hoje, ganha destaque a união dessas duas percep es, resultando em uma maneira específica de narrativa, marcada fortemente, de um lado, pela referencialidade, própria do jornalismo, enquanto que, de outro, pela estilística literária, de tal forma que os elementos se auto-organizam em busca de outro propósito.   o que se observa nos livros-reportagem. Antes de se iniciar o estudo deste formato de escrita, ou seja, os livros-reportagem,   preciso, a) evidenciar o que significa tal conceito, bem como b) evidenciar certos pontos básicos, isto  , torna-se necessário recorrer   instância primeira - a narratologia.

No que diz respeito aos livros-reportagens são, na categorização de Pereira Lima, “(...) veículos de comunicação impressa não-periódicos que apresentam reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (2009, p.26). Abarcam relatos mais amplos e estilisticamente mais elaborados, sem, contudo, perder sua natureza comunicacional, que aqueles usualmente encontrados nas páginas dos jornais e revistas impressos.

O livro-reportagem, nessa perspectiva, é identificável quanto ao conteúdo (o objeto de abordagem que trata o livro-reportagem corresponde ao real); ao tratamento (a abordagem é jornalística, mas com uma maior maleabilidade textual), e, finalmente, quanto à função (comunicacional, ou seja, informar, orientar e explicar). Tratam-se, portanto, os textos desta natureza, de um modelo de publicação que, diferentemente das narrativas especificamente literárias, e não obstante seu formato, são estabelecidas a partir de critérios e técnicas jornalísticas, e têm, na natureza dos acontecimentos se realizando, sua razão e forma de ser. Já a narratologia, segundo Reis (1988, p. 85), é o “estudo teórico e epistemológico da narrativa como modo de representação literária e não literária”. A narrativa, nesta direção, é a conjunção entre *comunicação narrativa* e *narratividade*. A comunicação narrativa define-se como representação da história pelo discurso, a partir de uma narração. Nesse sentido, o autor afirma que a comunicação narrativa desencadeia na narração entidades que interferem na representação da história pelo discurso. Tais entidades compõem-se por narrador, narratário, autor, autor implicado, leitor, leitor implicado, diegese e, propriamente, a prática da leitura. Já a narratividade, pode ser entendida como um quadro de produção do discurso e do sentido, isto é, princípio organizador do discurso, presente em textos literários, não literários, não verbais e icônico-verbais (REIS, 1988).

No que se refere ao narrador, para Reis (1988), ele é entendido como parte da noção de ficcionalidade. As decorrências do trabalho do narrador não se detêm apenas na representação dos sentidos nucleares da narrativa, mas ele se insere como participante da configuração de sua estrutura. Outrossim, ele instala uma interação pragmática em que a narrativa é vista como “ação exercida sobre o receptor (...), assim se apontando para uma inscrição do discurso da narrativa no discurso da História” (REIS, 1988, p. 14). Sobre o narrador o autor postula, ainda, que este precisa desenvolver uma índole persuasiva e argumentativa, a fim de seduzir e persuadir o destinatário, despertando-lhe interesse e

curiosidade. O narratário, por sua vez, distingue-se do leitor real da narrativa, bem como do leitor ideal e do leitor virtual. Constitui-se num ser de papel, assim como o narrador (REIS, 1988).

Já a noção de história, é tomada como sendo representada pelo discurso na narratologia. E isto sugere certa complexificação conceitual dos termos *história* e *discurso*. Conforme Reis (1988), o segundo organiza-se autonomamente em relação ao primeiro. Então, o autor separa a análise da narrativa em dois planos: o dos conteúdos narrados - história, e o plano da expressão desses mesmos conteúdos - discurso. No discurso estão presentes os processos de composição que individualizam o modo narrativo, tais como:

(...) elaboração do tempo (v. *ordem temporal, frequência e velocidade*), modalidades de representação dos diferentes segmentos de informação diegética (v. *focalização*), caracterização da instância responsável pela narração (v. *voz*), configuração do espaço e do retrato das personagens (v. *descrição*), constituem os mais destacados aspectos da manifestação do discurso, manifestação essa indissociável dos específicos conteúdos diegéticos que mediatamente a inspiram. É ainda no nível do discurso que se ativam os registros (v.), no quadro do funcionamento microestrutural dos códigos estilísticos (REIS, 1988, p. 29).

Na percepção de Barthes (2011), a narrativa surge com a humanidade, pois todos os povos possuem narrativas, sejam elas orais, escritas, compostas por imagens ou linguagem articulada. Ela, no entanto, não é um simples amontoado de eventos, mas organiza-se por determinados parâmetros como, por exemplos, os citados por Reis (1988) já reportados. Além disso, a narrativa escrita vale-se da linguagem para se moldar. É consubstanciada pelo discurso o qual, embora autônomo, precisa ser estudado no nível linguístico no que se refere a um sistema de significação, evitando-se a classificação de todos os elementos que compõem essa significação, dado que isto é do nível da descrição.

Para Todorov (2008), a narrativa é história porque evoca certa realidade e é também discurso porque há uma história contada por um narrador e que é lida por um leitor. Reis (1988), por sua vez, afirma que alguns gêneros narrativos que contemplam as propriedades da narratividade, mas que nem sempre se inscrevem no campo da ficcionalidade são, por exemplo, a autobiografia, a biografia, as memórias ou o diário. Por outro lado, a condição de ficcionalidade (construção de mundos possíveis) não é específica de textos literários. Esta condição, portanto, corrobora com a proposição de que o livro-reportagem instaura a

intersecção de fatos fictícios e não fictícios. Além disso, confirma a constante atualização da narrativa ao acompanhar as mudanças sociais ou translações ideológicas.

2. Jornalismo e literatura no livro-reportagem

Conclui-se, então, que o grande elo que une o jornalismo e a literatura é a narração (ARAÚJO, 2002). Na literatura há sempre uma subjetividade incutida, pois o narrador é percebido como um ser intencional que busca revelar algo com a sua obra. No jornalismo, esta subjetividade encontra-se no gênero crônica, na qual predomina a sensibilidade do cronista. E esta característica da crônica expandiu-se para outros gêneros.

A obra *Olga*, de Fernando Morais, como o próprio autor a define, é uma reportagem de cunho biográfico. Trata-se de uma narrativa que interage com outras áreas do conhecimento, especialmente História, Sociologia e Política. Constitui-se num modo de captação da realidade não periódica como costumadamente se percebe no jornalismo, mas numa outra maneira de se entender o passado a partir de mecanismos linguísticos que lhe possibilitam uma escrita sofisticada. Dessa forma, conforme Vilas Boas (2002, p. 20), “como prática jornalística avançada, a biografia, tal qual o livro-reportagem, pode inspirar-se no legado do Novo Jornalismo (*New Journalism*)”.

Cabe registrar que o livro-reportagem concentra uma visão ampliada sobre os fatos, ideias e situações de destaque social tal como retratado na narrativa de Olga Benário. Ele abarca uma demanda maior de informações, superando as lacunas das revistas e jornais, por exemplo, e aprofunda o conhecimento de determinado assunto (LIMA, 1993). Segundo Cosson (2002, p. 64), nesse gênero narrativo, em 1970, a relação entre jornalismo e literatura já existia e “(...) sempre mantiveram entre si enquanto discursos distintos, mas profundamente interligados”. Além disso, conforme o autor, o livro-reportagem, em princípio, pretendia fazer alguns contornos ficcionais, mas depois passou a representar uma forma de narrar típica do naturalismo numa tentativa de apagamento das fronteiras entre jornalismo e literatura.

No entanto, tais fronteiras entre criação literária e exercício jornalístico sempre foram problemáticas.

Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e fruitiva, deve a encaminhar-se para o essencial humano, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, circunstancial (e

sabemos até que ponto a vertigem informativa devora a estabilidade e permanência dos acontecimentos). Simplificando muito, parece que a literatura se orienta para o importante e a informação jornalística para o urgente (MENDEL, 2002, p. 18).

Nessa direção, jornalismo e literatura “conversam”, buscando um no outro o complemento que lhe falta, formando, assim, um todo significativo que emerge para a instanciamento de questões humanas, no que se refere ao alcance de desejos pela afirmação/confirmação de fatos reais ou não.

Segundo Castro,

O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. O mundo exterior também é fundamental, mas não determinante como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer da memória a fonte da sua escritura (...). As palavras de cada dia passam pela cabeça do jornalista como matéria-prima efêmera para a realização prática do que ele precisa dizer ou informar. Para o escritor, as palavras quando postas num determinado período ou numa sequência precisa têm a secreta intenção de perdurar. (CASTRO, 2002, p. 73).

Com isso, percebe-se que os escritores, tanto jornalistas quanto literatos, buscam matérias-primas em instâncias diferentes, mas têm o mesmo instrumento - a palavra, e o mesmo fim - a conquista do leitor.

De acordo com essa abordagem, a literatura torna-se grande aliada do jornalismo, pois através dela o homem expressa sua singularidade de maneira universal, além disso, ela perpassa os tempos da história e das nações (DATREV, 2002). Por outro lado, partilha-se também da ideia de Sodré (2009, p.153) quando afirma que:

(...) é disseminada entre bons profissionais do texto a opinião de que a literatura tem a aprender com o jornalismo. É bem o caso de Fernando Morais (...) para quem romancear a realidade é uma questão de se dosar com equilíbrio a pesquisa, a tomada de testemunhos, e o acesso a documentos, recortes, vídeos e gravações, elementos que, no texto de ficção são tão determinantes para a qualidade quanto à preocupação estética.

Nesse sentido, a pesquisa biográfica de *Olga* abarca uma medida equilibrada de fatos reais e ficcionais, lembrando sempre que o jornalismo e a literatura ocupam seus espaços e “tanto melhor será o jornalismo quanto mais houver de inspiração literária. E tanto melhor será a literatura quando nela couber o que de mais importante há no jornalismo: a sedução” (ARAÚJO, 2002, p. 97).

Conforme Sato (2002), na narrativa jornalística embora haja evocação do real, há também contornos ficcionais na medida em que se pretende causar a impressão de acontecimento em andamento quando da leitura efetuada. Cria-se assim, uma aparência de acontecer em curso cuja característica é própria da ficção. Além disso, pode-se inferir que há uma virtualização discursiva provocada pela manipulação linguística, criando-se efeitos de sentido. Já para Sodré (2009, p. 141), o “discurso é mesmo, em linhas gerais, o funcionamento da linguagem, portanto, o lugar da intersubjetividade ou de formação do laço social”. Dessa forma, importa verificar como o discurso se processa.

3. *Olga*: uma perspectiva jornalístico-literária

Faz-se a análise dos elementos da narrativa através dos aportes linguísticos, demonstrando-os com trechos extraídos aleatoriamente da obra. Trata-se de aspectos como narrador, narratário, componentes da história: tempo, espaço, lugar; discurso direto ou indireto, entre outros.

Olga é uma obra de Fernando Morais, para o qual, cabe uma sucinta descrição: nasceu em 1946 em Mariana, Minas Gerais; aos 13 anos era *office-boy*; aos 15, virou repórter da revista *Banlavoura*, do extinto Banco da Lavoura; aos 19 anos, em São Paulo, ingressou na *A Gazeta*; depois, teve trabalhos simultâneos em: *Jornal da Tarde*, *Folha*, *O Estado* e na *TV Cultura*, dentre outros. Em 1979-83 e em 1983-87, foi deputado estadual pelo PMDB em São Paulo e também Secretário de Estado da Educação em 1991-93. Recebeu três vezes o Prêmio Esso e quatro vezes o Prêmio Abril de Jornalismo. Em 1993, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Soka University, de Tóquio. Algumas produções de sua autoria: *Brasil, 500 anos*; *Cinco dias que abalaram o Brasil*; *Transamazônica*; *A ilha*; *Olga*; *Corações Sujos*; *Chatô, o rei do Brasil* (VILAS BOAS, 2002).

O livro conta a história de Olga Benário Prestes, classificado como uma narrativa biográfica, pertencente ao gênero livro-reportagem por trazer grande quantidade de informações, diferentemente daquelas publicadas em jornais ou revistas. Organiza-se em vinte capítulos e apresenta, ao final, uma relação dos materiais consultados pelo ator para elaboração da obra. Segundo os fatos, Olga era uma judia alemã, nascida em Munique aos 12 de fevereiro de 1908 numa família de posses. Sua mãe era uma dama da alta sociedade e o pai um advogado com ideias democratas. A partir do trabalho de seu pai em defesa dos operários

que sofriam em decorrências da crise na Alemanha, tomou conhecimento e apreço pela mesma causa. Assim, aos 15 anos aproximou-se da Juventude Comunista onde atuou vigorosamente. Isso causou-lhe desentendimentos familiares, especialmente com sua mãe. Na Juventude Comunista, conheceu Otto Braun com quem foi morar aos 16 anos. Ele, ao ser preso por traição à pátria, foi libertado por Olga quando do seu julgamento. Ambos, então, fugiram para Rússia, onde ela teve treinamento militar. Com o tempo, o casal se separou. Ela, ao ser designada para acompanhar e garantir a segurança de Carlos Prestes, acaba se envolvendo com o brasileiro, líder de uma revolução comunista no Brasil, conhecido pela “Coluna Prestes”. Ambos, chegando ao Brasil, organizaram a Intentona Comunista, em 1935, nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Porém, a revolução fracassou, foram presos e separados. Olga foi deportada grávida para Alemanha, onde morreu executada numa câmara de gás. Sua filha foi enviada ao Brasil e ficou aos cuidados da avó, Leocádia Prestes.

Na narrativa de Fernando Moraes encontram-se muitos elementos que sugerem, pelo modo de narração, um intercâmbio jornalístico com a literatura. Isso é verificável já na primeira linha do livro: “Tudo aconteceu em menos de um minuto” (MORAIS, 1987, p.1). A partir da organização semântica de seus elementos, revela-se um caráter de rapidez e, ao mesmo tempo, de suspense; fazendo com que o leitor fique intrigado a se questionar o que virá depois. Assim, percebe-se uma pragmática discursiva que remete ao caráter literário de escrita, pois estabelece uma condição não objetiva de uma informação.

Alguns elementos linguísticos de assertividade trazem ao texto contornos que marcam a presença do autor, como, por exemplo, a locução adverbial de afirmação *de fato*, presente no seguinte trecho: “De fato, ousadia era o único substantivo capaz de traduzir não apenas o que havia feito naquela manhã, mas o sentimento que movia a maioria dos adolescentes do bairro operário de Neukölln” (MORAIS, 1987, p. 3, grifos nossos). Ainda, adjetivos marcam a expressividade narrativa, tal como: “mitológico comandante” (MORAIS, 1987, p.12, grifos nossos), “uma esdrúxula exigência da lei americana” (MORAIS, 1987, p.57, grifos nossos), “mais bela cidade que já vira” (MORAIS, 1987, p.78, grifos nossos), “Uma estrangeira nociva” (MORAIS, 1987, p.187, grifos nossos).

Outro aspecto de ordem literária é a presença de figuras estilísticas, como as metáforas populares: “passar o arado nos comunistas” (MORAIS, 1987, p.35), denotando proximidade da linguagem escrita com a oralidade, a fim de causar familiaridade com a narrativa.

A presença da descrição detalhada remete à narrativa realista-naturalista:

Embora as instalações fossem mais modestas do que as do hotel, esses alojamentos tinham a vantagem de colocá-los em contato com jovens de vários países (...). Os dois receberam um pequeno quarto com banheiro, guarda-roupa e cômoda (...) (MORAIS, 1987, p.39, grifos nossos).

Por outro lado, algumas passagens fazem lembrar a escola romântica, visualizada a partir da descrição da natureza do Rio de Janeiro quando da chegada de Olga ao lugar:

Da praça Paris, no começo do Flamengo, era possível ter uma ideia geral daquele exagero: à direita, montanhas cobertas de vegetação; à esquerda, quilômetros de praias de areia finíssima. Espremida no meio, a cidade, seus casarões coloniais, os bem recortados jardins imitando Versalhes e incontáveis igrejas de todos os tamanhos e estilos. Ao fundo, emoldurando aquela visão paradisíaca, o perfil do Pão de Açúcar (MORAIS, 1987, p.78).

Conclusões acerca da vida das personagens também indicam uma narrativa literária, pois somente têm-se dados biográficos dos personagens a partir dos documentos consultados, ou seja, o autor que se traveste em narrador não vivenciou as experiências das personagens, mas nem por isso ou justamente por isso, agrega elementos que carregam a narrativa de ficcionalidade. Uma passagem que confirma esta possibilidade e, ao mesmo tempo, dá certo ar de sensualidade por meio de uma figura de linguagem (gradação ascendente); bem como os detalhes descritos acompanhados de adjetivos favorece o encantamento do leitor pela história:

E se Prestes chegara aos 37 anos sem ter tido uma namorada, uma paixão, uma mulher (gradação), não poderia haver circunstância mais propícia para começar: estava em alto mar, num camarote luxuoso, acompanhado de uma belíssima mulher, comunista e revolucionária como ele (adjetivos) (MORAIS, 1987, p.59, grifos nossos).

Os aspectos temporal e espacial, característicos tanto do jornalismo quanto da literatura, também marcam presença: “A revolução começou às três horas da madrugada e acabou à uma e meia da tarde” (MORAIS, 1987, p.101, grifos nossos); “Na manhã do dia 26” (MORAIS, 1987, p.108, grifos nossos); “A revolta ficou restrita ao 3º Regimento de Infantaria, à Escola de Aviação Militar e foi sufocada à força em poucas horas” (MORAIS, 1987, p.101, grifos nossos); bem como cidades e países citados ao longo do livro: Moscou, São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Iorque, Berlim, Paris, Alemanha, Brasil, Rússia, Estados Unidos, entre outros.

Mais uma vez, a gradação é utilizada na linguagem para evidenciar o critério de nulidade quanto à revolução proposta por Prestes e Olga: “Nenhuma das guarnições da Vila

Militar se levantou. Não houve rebelião da Escola Militar. Nem no Arsenal da Marinha. Tampouco no Batalhão Naval” (MORAIS, 1987, p.101, grifos nossos); acrescida de um tom satírico: “(...) E o prometido apoio da Marinha de Guerra à revolução não mobilizou nem as barcas da Cantareira” (MORAIS, 1987, p.101, grifos nossos).

No que se refere aos presos comunistas interrogados pela polícia, estão marcadamente presente os diálogos apontados pelo discurso direto e indireto. Isso pode remeter, no jornalismo, ao gênero entrevista. Já na literatura, a presença de diálogos decorre da própria diegese. No livro, entre um diálogo e outro, aparece a voz do narrador, mediando os interlocutores e tal funcionalidade discursiva, pode-se afirmar, no entanto, que é mais próxima da literatura, com vistas a direcionar a leitura a ser feita.

- Não. Nada disso é verdade. Nem usei os nomes citados pelo senhor nem estive nos Estados Unidos em 1926.

Xanthaky sabia que dali não surgiria nenhuma novidade e resolveu ir embora. Na saída, transmitiu aos policiais Galvão e Jullien o pedido de Ewert para que a mulher fosse transferida para sua cela. Foi Galvão quem respondeu:

- Podemos tentar: se na porrada não conseguimos nada deles, quem sabe tratando bem? Mas eles pensam que vão passar a noite na farra, estão enganados. Vamos botar seis tiras alemães lá dentro, para evitar excessos e cochichos (MORAIS, 1987, p.128).

Adotando-se a perspectiva de narrador conceituado pela literatura, classifica-se-o como onisciente, visto que sua narração se realiza em terceira pessoa. Além disso, pode-se inferir que o foco da narrativa é a própria história de Olga Benário Prestes e demais atores envolvidos, bem como o registro dos fatos como eventos históricos que marcaram os âmbitos políticos e sociais daquele período. Outrossim, classifica-se a ordem temporal como cronológica.

Considerações finais

A análise desta obra possibilita afirmar que o livro-reportagem traz importantes contribuições para o entendimento da narrativa contemporânea sob a égide propulsora de uma expressividade de arte renovada, isto é, assim como se atualizam várias demandas da atividade humana, não era de se esperar que fosse diferente com a narrativa. Este modelo de escrita entrelaça aspectos fictícios e não fictícios e captura a atenção do leitor em sua subjetividade mais profunda. Isto ocorre porque o autor jornalista vale-se dos fatos reais para

incutir na sua narrativa o seu ponto de vista, aproveitando todo o aparato linguístico de que dispõe para trazer mais vivacidade ao texto. Tal fenômeno envolve o, agora, narratário numa absorção que o transcende para a realidade discursiva, fazendo com que experiencie abstratamente o evento textual, compartilhando emoções provocadas pela “literariedade objetiva”, se assim se pode denominar.

Pode-se concluir ainda que outra contribuição do livro-reportagem em narrar da forma que narra é o fato de ser justamente a forma que narra. Visto que, uma abordagem narrativa totalmente objetiva, focada em elementos unicamente estratificados da realidade teria sim todo o seu mérito discursivo proeminente, mas não alcançaria o encantamento e a adesão do leitor como o faz ao reunir uma boa história fatural, um excelente material biográfico e o talento para a literatura de um sublime jornalista.

Dessa forma, literatura e jornalismo, ao darem as mãos, não só cumprem a missão de informar, fruir, possibilitar a construção do conhecimento, entre outras, mas também evocam necessidades humanas de estabelecer e superar paradigmas, a fim de manter o constante fluxo de satisfazer o desejo humano por novas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Carlos Magno. Amor à palavra. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CASTRO, Gustavo de.; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- DRAVET, Florence. Palavras inconsideradas na lagoa do conhecimento. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MEDEL, Manuel Á. V. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MORAIS, Fernando. *Olga. A vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas*. 14ª ed. São Paulo: Omega, 1987.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2009.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.